

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, segunda quinzena de novembro de 1997 - ano I, nº 13.

boletim

Entre o regionalismo e o naturalismo: um projeto literário questionável

Regina Dalcastagnè



Cartilha do silêncio - Francisco J. C. Dantas. S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, 346 pp.

O sergipano Francisco J. C. Dantas estreou na literatura tardiamente (tinha 50 anos em 1991, quando publicou *Coivara da memória*) e com um projeto claro de revitalização do regionalismo, tendo por guia o *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Nas personagens e na ambientação sertanejas, na temática, no vocabulário e na sintaxe pendendo para o rebuscado, com a tentativa de incorporar os falares populares à voz do narrador culto: em todos estes aspectos, Dantas, professor de literatura da Universidade Federal de Sergipe, segue conscientemente a trilha do "super-regionalismo", a terceira e última fase do regionalismo brasileiro, que Antonio Candido vê inaugurada (e, talvez, também concluída) com o romance de Rosa.

Cartilha do silêncio, o terceiro romance de Dantas,



não se afasta um milímetro do projeto literário inicial do autor - e apresenta, de forma mais clara do que nas obras anteriores, suas limitações. Em primeiro lugar, na linguagem. O parágrafo que abre o livro é revelador:

"A noite já descamba para o dia. Ao relento aí fora, no descampado da praça do Palácio, a friagem e o sereno se abraçam, no cochilo do ventinho que vem tangido do rio. Essa imagem de tão especiosa enlaçada, assim acometida a desoras, só pode demandar de uma criatura carecida, posta

de lado, e muito abandonadinha".

Um indisfarçável tom de "pitoresco" e a tendência ao preciosismo comprometem toda a narrativa, sem que os discutíveis ganhos em musicalidade compensem a distância que geram em relação ao leitor. Se tal ranço já era perceptível em *Coivara da memória* e *Os desvalidos*, em *Cartilha do silêncio* ele atinge o romance como um todo. Mas não se tratam apenas de problemas de estilo. A estrutura do livro também revela sérias deficiências.

Os cinco capítulos de *Cartilha do silêncio* procuram apresentar pontos de vista de cinco personagens, ligados a uma aristocracia rural nordestina em decadência: a matriarca Dona Senhora, seu filho Cassiano Barroso, a mulher deste, Arcanja, o filho dos dois, Remígio, e ainda um velho empregado, Mané Piaba. Além destas múltiplas vozes serem singularmente monocórdias, seu entrecruzamento é quase inexistente. São como narrativas separadas, cujo enlace o leitor espera em vão.

É possível argumentar que a intenção do autor era exatamente esta: narrar o silêncio, a ausência de diálogo. Mas, a rigor, ausência de diálogo não é um falar uma coisa e o outro falar outra. É um interpelar o outro e não obter resposta. Este campo comum para um diálogo que não se estabelece falta à narrativa de Dantas. O romance padece de falta de unidade. E pelo menos um capítulo parece desprovido de sentido - o de Mané Piaba, empregado que não é capaz sequer de manifestar a voz dos subalternos. Sob este aspecto, aliás, *Cartilha do silêncio* permanece aquém do segundo regionalismo da classificação de Antonio Candido, o "regionalismo problemático", que vê "na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual". Na visão de Candido, se este segundo regionalismo se mostra capaz de superar a naturalização dos problemas sociais que o primeiro regionalismo, dito "pitoresco", promovia, será o "super-regionalismo" de Rosa que realizará "uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo".

(continua)

CARTILHA DO SILÊNCIO

Entre o regionalismo e o naturalismo

(continuação)

Exatamente aqui reside o último dos problemas de *Cartilha do silêncio*. Dantas não resiste ao naturalismo - que, como buscou mostrar Flora Sussekind, é a tentação permanente da literatura brasileira.

A marca naturalista surge - não por acaso - na representação das personagens femininas. Em primeiro lugar, Dona Senhora, a matrona ninfomaniaca, com um "facho de fogo a devorá-la", digna sucessora das históricas do século 19. E bastam "uns cálices de vinho do Porto nos couros" para que ela se disponha a cobrar as exigências da carne. A sexualidade incontrolada é, segundo o chavão naturalista, característica do "sexo frágil" que, menos dotado de razão, anda mais próximo da animalidade. (Outro grande chavão naturalista é exatamente o alcoolismo.)

Contraposta a Dona Senhora, dentro do melhor clichê "pura versus devassa", está Arcanja, cuja aversão a sexo é taxativamente explicada por um trauma de juventude. E que, como convém, morre tuberculosa, revelando as profundas, mesmo que insuspeitas, conexões entre naturalismo e romantismo.

Mas os pecadilhos naturalistas, românticos e estilísticos de *Cartilha do silêncio* são secundários diante de uma questão maior. A ultrapassagem do regionalismo na literatura brasileira, iniciada nos anos 50, não representou apenas o ocaso de uma "escola" ou de um modismo. Está ligada às transformações na

economia e no tecido social do próprio Brasil, um país que se urbanizou, se industrializou e se modernizou de forma acelerada.

Tais transformações não eliminaram, mas re-situaram as problemáticas regionais, e igualmente empurraram o fazer artístico, que precisa encontrar novas formas para abordá-las. Se esta tese está correta, Francisco J. C. Dantas se junta aos escritores que buscaram reanimar a prosa regionalista nos anos 70 e 80 - autores dotados, talentosos, como Orlando Bastos, Juarez Barroso ou Sérgio Faraco, mas que investiram seus esforços num projeto literário ultrapassado.

Regina Dalcastagnè é professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.



LFM sobre Carybé

CURSO DE EXTENSÃO

Vertentes da literatura brasileira contemporânea

No primeiro semestre de 1998, o GT se reunirá em torno do curso de extensão "Vertentes da literatura brasileira contemporânea", que vai discutir sete autores importantes, representativos de diferentes tendências do romance brasileiro atual. São textos de Osman Lins, Lygia Fagundes Telles, Autran Dourado, Carlos Sussekind, João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Scliar e Cristovão Tezza. Como de costume, as discussões serão abertas a todos os interessados e alimentarão as edições deste Boletim.

Estão previstos oito encontros, obedecendo ao seguinte calendário (sempre sextas-feiras, às 16 horas):

13 de março - apresentação do curso.

27 de março - *A barca dos homens*, romance de Autran Dourado (1961).

10 de abril - *Verão no aquário*, romance de Lygia Fagundes Telles (1963).

24 de abril - *Avalovara*, romance de Osman Lins (1973).

8 de maio - *O exército de um homem só*, romance de Moacyr Scliar (1973).

22 de maio - *Armadilha para Lamartine*, romance de Carlos & Carlos Sussekind (1976).

5 de junho - *Viva o povo brasileiro*, romance de João Ubaldo Ribeiro (1984).

19 de junho - *O fantasma da infância*, romance de Cristovão Tezza (1994).

Sexta, dia 21 de novembro

Amrik

de Ana Miranda

O romance, que enfoca a imigração libanesa sob um ponto de vista feminino, é o tema da próxima reunião do GT.

Sexta, 21 de novembro, às 16 hs., na sala B1-253 (ICC Centro).

Obra prevista para o encontro seguinte:

5/12 - *O feitiço da Ilha do Pavão*, de João Ubaldo Ribeiro

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br
Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/tel/boletim.htm>